

## A LUTA PELA SOBERANIA ALIMENTAR: O CASO DAS COMUNIDADES CAMPONESAS E PISCATÓRIAS NO PAQUISTÃO E NO UGANDA

### *Entrevista com os movimentos sociais*<sup>1</sup>

Todos os seres humanos têm direito à alimentação adequada e à nutrição. No entanto, na prática, homens e mulheres camponesas e pescadoras em todo o mundo enfrentam situações similares de fome e má-nutrição, bem como desafios no que respeita à soberania alimentar, ao acesso aos recursos naturais e à desigualdade de gênero. Esta entrevista explora as realidades e dificuldades diárias das comunidades camponesas e piscatórias das províncias de Sindh, no Paquistão, e de Katosi, no Uganda.

A equipa do *Observatório* entrevistou Gulab Shah, Mustafa Mirani e Roshan Bhatti do Fórum de Pescadores do Paquistão (Pakistan Fisherfolk Forum, PFF)<sup>2</sup> e Rehema Bavumu do Fórum Mundial de Pescadores e Extrativistas de Peixe (World Forum of Fish Harvesters and Fish Workers, WFF) e do Fundo de Desenvolvimento das Mulheres de Katosi (Katosi Women Development Trust, KWDT) para mostrar a perspetiva dos movimentos sociais sobre alimentação e nutrição, os obstáculos que enfrentam na luta pela implementação do seu direito à alimentação adequada e à nutrição e o trabalho que realizam para ultrapassar e erradicar a injustiça social<sup>3</sup>.

### O SIGNIFICADO DA ALIMENTAÇÃO: INTER-RELAÇÕES ENTRE ALIMENTOS, TERRITÓRIO, CULTURA E RELIGIÃO

**Questão:** O que lhe ocorre quando pensa em alimentação e nutrição? Quais as relações ente alimentos, o território em que vive e as práticas culturais e religiosas da sua comunidade?

**Resposta – Roshan Bhatti:** Basicamente, os alimentos são a única razão pela qual sobrevivemos. A nutrição é uma parte fundamental dos alimentos, que são compostos por diferentes nutrientes, como vitaminas e proteínas e os hidratos de carbono de que necessitamos.

Nas diferentes zonas do Paquistão cultivam-se diferentes produtos. Na parte baixa da província de Sindh, por exemplo, cultivava-se trigo, arroz, algodão e malaguetas, enquanto na zona alta se cultivava cana-de-açúcar, bananas e outras frutas. As comunidades sentem-se muito ligadas emocionalmente ao tipo de culturas que produzem e ao território a que pertencem.

Nas nossas aldeias do Paquistão celebramos várias feiras, festivais e eventos como as cerimónias de casamento. O chefe da família consegue casar filhas e filhos com os proveitos das suas colheitas. No entanto, não há tantos festivais como gostaríamos devido à extrema pobreza. Quanto à religião, há uma ligação entre ela e a nossa comida. Como comunidade muçulmana, um dos requisitos básicos é que tenhamos o que chamamos de alimentos *halal*, o que significa alimentos permitidos ou lícitos. Os alimentos são *halal* se cumprirem com o ritual religioso e com a lei islâmica Sharia, como definido pelo Corão. Consumimos todos os alimentos preparados de forma *halal*,

<sup>1</sup> Este artigo é baseado em entrevistas realizadas em inglês, durante os meses de abril e junho de 2015. Um agradecimento especial a Felipe Bley Folly (FIAN International), M. Alejandra Morena (FIAN International), Catherine Kent (especialista em direitos humanos) e Nora McKeon (Terra Nuova) pelo seu apoio na conceção e revisão deste artigo.

<sup>2</sup> O PFF é membro do Consórcio do Observatório. Para mais informações, ver [www.pff.org.pk](http://www.pff.org.pk).

<sup>3</sup> Para mais informações sobre o WFF, ver [worldfisherforum.org](http://worldfisherforum.org). Para mais informações sobre o KWDT, ver [www.katosi.org](http://www.katosi.org).

à exceção do porco, e também diferentes tipos de alimentos vegetarianos, que estão ligados ao nosso sistema de crenças.

**Rehema Bavumu:** Penso que alimentação é tudo o que pode ser comido dentro das minhas definições culturais, enquanto nutrição se refere à especial importância de alimentos específicos para o organismo. No Uganda, o provérbio *oluganda kulya, olugenda enjala teludda* significa que comunidade é reunirmo-nos a comer à volta da mesa e que quem sair da tua casa com fome jamais voltará! A alimentação é um símbolo de irmandade nas nossas comunidades. Tradicionalmente, quando ainda havia abundância de alimentos, as pessoas costumavam acreditar que nunca se deve preparar apenas a comida necessária. Deve preparar-se comida a mais, para o caso de aparecer um visitante! É difícil obedecer a estas tradições, agora que há tanta escassez e as famílias lutam para alimentar a suas próprias crianças.

## A PRÁTICA E OS DESAFIOS DA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS

**Q:** Qual a importância de produzir a sua própria comida e como funciona a produção e/ou a compra de alimentos na sua comunidade?

**R– Rehema Bavumu:** A comida produzida por nós próprios é muito mais barata e normalmente mais fresca. É também mais nutritiva, porque é cultivada naturalmente sem fertilizantes artificiais. Normalmente são as mulheres e as crianças que tomam conta e preparam os alimentos, enquanto os homens estão mais envolvidos com os alimentos num sentido comercial: muitos vão pescar e vendem o seu peixe. No entanto, as famílias das comunidades piscatórias, onde o peixe tem sido o alimento tradicional ao longo dos anos, estão a ter dificuldades, pois as reservas de peixe estão a diminuir e o acesso ao Lago Vitória está a tornar-se problemático. O peixe está cada vez menos disponível para consumo local e é muito mais caro para os locais. A decisão sobre o que produzir depende largamente das opções disponíveis. Não podes produzir alimentos se for necessário terra e não a tiveres. A alternativa tem sido introduzir na nossa dieta outros alimentos de base, provenientes das comunidades vizinhas, bem como apascentar gado e cultivar produtos agrícolas.

**R– Roshan Bhatti:** Somos comunidades camponesas, ligadas ao trabalho agrícola e à produção de culturas normais, tentando cultivar o maior número possível dos alimentos base da nossa dieta. No entanto, não processamos alimentos: vendemos a matéria-prima bruta, como trigo, cana-de-açúcar e arroz, aos moinhos que produzem então a mercadoria final. Esses produtos vão depois para as zonas comerciais para serem vendidos aos consumidores e então nós compramos o produto processado.

**R– Mustafa Mirani:** No caso das comunidades piscatórias do Paquistão, vendemos o peixe no mercado e, se não o vendermos todo até ao segundo dia, consumimo-lo.

**Q:** Que dificuldades enfrentam para armazenar e vender os alimentos que produzem?

**R– Roshan Bhatti:** Infelizmente, devido a relações de poder desiguais, as comunidades piscatórias e camponesas enfrentam diariamente situações de injustiça. Não temos capacidade suficiente ou recursos financeiros para armazenar os alimentos

que produzimos. A situação ideal seria termos as nossas próprias fábricas e moinhos para podermos produzir e depois armazenar os alimentos para consumo próprio. No entanto, as zonas onde vivemos ainda estão marcadas pelo feudalismo e alguns “senhores feudais” reprimem os agricultores e agricultoras. Eles influenciam todos os aspetos da nossa vida local, como o nosso sistema de ensino, a qualidade dos nossos alimentos, o acesso à terra e aos mercados. Somos comunidades marginalizadas no que respeita à segurança alimentar e ao acesso a alimentos nutritivos. É por isso que o PFF vem defendendo e lutando pela justiça alimentar e ambiental desde 1998.

**R– Gulab Shah:** Há casos de pessoas a viver na pobreza em aldeias isoladas do Paquistão, com acesso limitado aos mercados. Os aldeãos são forçados a vender as suas colheitas a intermediários que lhes compram os produtos muito baratos e depois os vendem nos mercados a preços muito elevados. Temos alimentos disponíveis, mas a distribuição e a repartição desses alimentos não são justas. O nosso maior problema são as comunidades piscatórias e camponesas com falta de poder aquisitivo, o que as impede de ter um acesso adequado aos alimentos disponíveis.

## DESAFIOS NO ACESSO AOS RECURSOS NATURAIS E PRODUTIVOS

**Q:** Como mencionaram, também enfrentam problemas no acesso à terra. Quais são os maiores desafios e quais as ações que estão a desenvolver para os ultrapassar?

**R– Roshan Bhatti:** Infelizmente, na maioria das comunidades não possuímos as terras que cultivamos. Como antes referi, somos apenas agricultores a trabalhar sob o domínio dos proprietários feudais. Nos anos 1970s, o primeiro-ministro Zulfikar Ali Bhutto tentou introduzir uma série de reformas fundiárias, mas não foram eficazes. Pensamos que a única solução para terminar com a pobreza e a fome nas nossas comunidades piscatórias e camponesas é a reforma agrária – é o que defendemos e por ela lutamos. Estamos a mobilizar as pessoas para exigirem e reclamarem os seus direitos, inclusivamente através de greves e manifestações, para pressionar o governo.

**R– Rehema Bavumu:** Uma das principais razões para a fome e a má-nutrição é o facto de as mulheres não poderem ser proprietárias e de terem um acesso limitado à terra e à água. A terra está na posse dos homens, que normalmente se concentram em produzir alimentos para o mercado. As melhores culturas e produtos animais são exportados ou enviados para os mercados das áreas urbanas, o que é economicamente mais lucrativo para os homens do que dá-los à família. As mulheres alimentam-se a elas próprias e às crianças com o que sobra após a venda. A KWDT trabalha para dar poder às mulheres e envolvê-las em atividades geradoras de rendimento. Algumas estão envolvidas na piscicultura, por exemplo, o que está a melhorar a situação das mulheres e crianças e a aumentar o seu acesso aos alimentos.

**Q:** Também enfrentam problemas de acesso a sementes e outros recursos naturais?

**R– Gulab Shah:** As sementes locais e nativas não estão disponíveis para as comunidades camponesas: as sementes híbridas substituíram as sementes locais. O problema com as sementes híbridas é que só podem ser usadas uma vez e são muito caras

para camponeses e camponesas como nós. Quanto a outros recursos naturais, as comunidades piscatórias, normalmente localizadas em zonas isoladas, são frequentemente negligenciadas pelo governo, que é o único responsável pelo fornecimento de alevins (ovos de peixe fertilizados). As pessoas não dispõem de recursos suficientes para comprar alevins e não podem por isso garantir a subsistência das suas famílias. A falta de água fresca nos rios é também um problema, que está a afetar a reprodução dos peixes. O delta do rio Indus, que costumava ser próspero, não recebe a água fresca necessária e a sua biodiversidade está a diminuir. O delta do Indus está também a sofrer a intrusão do mar e, segundo relatórios de algumas agências como a União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN) e, recentemente, o Fundo Mundial para a Natureza (WWF) e o Comité Permanente do Senado, distritos costeiros como Karachi, Badin e Thatta poderão desaparecer já em 2060. O governo não tomou nenhuma medida para resolver os problemas da agricultura e da pesca na região.

## FOME E MÁ-NUTRIÇÃO ENTRE AS CRIANÇAS

**Q:** Há casos de fome e má-nutrição entre as crianças da comunidade? Se sim, como está a comunidade a abordar este assunto?

**R— Roshan Bhatti:** As nossas comunidades em toda a província de Sindh enfrentam muitos casos de fome e má-nutrição. Devido à pobreza, as nossas comunidades não conseguem ter acesso a três refeições por dia, fazendo apenas duas. No distrito de Tharparkar, onde as comunidades também enfrentam secas extremas, as crianças estão a morrer de fome. Isto deve-se principalmente à pobreza extrema e à falta de informação. As comunidades veem-se obrigadas a beber água contaminada e a consumir produtos simples, pobres em nutrientes. A comunidade não está consciente destas questões e o nosso governo está a falhar na adoção e na implementação de políticas públicas apropriadas. Como resultado, sentimo-nos impotentes.

**R— Rehema Bavumu:** No Uganda é comum muitas crianças, especialmente em famílias a viver na pobreza sob os cuidados de avós idosos e frágeis, passarem fome ou procurarem restos de comida no lixo. Nas zonas urbanas, são normalmente crianças de rua. Nas zonas rurais, estas crianças vivem em lares vulneráveis e atingidos pela pobreza. Não há ações comunitárias para lidar com o problema uma vez que quase toda a gente luta para alimentar a sua própria família.

## ALIMENTAÇÃO, NUTRIÇÃO E GÉNERO: A IMPORTÂNCIA DA AMAMENTAÇÃO

**Q:** Há alguma divisão de tarefas entre homens e mulheres?

**R— Roshan Bhatti:** As mulheres contribuem de várias formas para todas as diversas atividades relacionadas com a pesca, exceto ir para o mar alto. Por exemplo, consertam as redes e separam o pescado. A situação na agricultura é similar, mas neste caso elas trabalham lado a lado com os homens. Nas zonas rurais, a maioria das mulheres cultiva a terra, contribuindo para a mão-de-obra.

**R– Mustafa Mirani:** Os homens e as mulheres das diferentes partes da comunidade produzem as colheitas em conjunto. É o mesmo nas comunidades piscatórias, tanto pescadores como pescadoras são responsáveis pela produção de peixe.

**Q:** Qual a importância dos alimentos, das refeições e da nutrição para as mulheres grávidas e a amamentar?

**R– Rehema Bavumu:** Quando uma mulher tem fome, mal consegue amamentar! Quando tu comes, então o teu bebé come. Na maioria dos casos, as mães que amamentam também realizam tarefas e trabalhos domésticos, tomam conta das crianças mais velhas, da casa, para além de secarem e, por vezes, venderem o peixe. Se se alimentarem bem, conseguem tomar bem conta das crianças. Só quando há comida suficiente é que a mulher consegue começar a pensar em melhorar a sua casa e a educação das suas crianças – o resto vem depois. É quase impossível ela pensar na escola antes de pensar no que têm para comer!

**Q:** Como é que as mulheres grávidas e as que amamentam vivem a fome na vossa comunidade?

**R– Rehema Bavumu:** As mulheres grávidas e as que amamentam vivem a fome de uma forma diferente do resto da comunidade. Elas deveriam comer frequentemente e bem, mas em vez disso, as mulheres dão normalmente prioridade aos restantes membros da família: primeiro ao marido, depois às crianças, em seguida às visitas, se houver, e finalmente à família por afinidade. As mulheres só pensam nelas por último. Isto afeta-as bastante quando amamentam e é por isso que deixam de o fazer assim que a criança consegue comer alimentos sólidos.

**Q:** Durante quanto tempo a mulher amamenta e como é a amamentação encarada pela comunidade?

**R– Rehema Bavumu:** Os técnicos de saúde recomendam normalmente que a mulher amamente durante dois anos. No Uganda, algumas fazem isso, mas muitas são incapazes de o fazer. Algumas amamentam durante aproximadamente um ano. Uma das razões para este período mais curto é que muitas mulheres têm de trabalhar fora de casa e não podem levar as crianças para todo o lado. Mas a razão mais importante está ligada à sua própria alimentação. Muitas mulheres deixam de ter leite ao fim de um ano. Não se alimentam decentemente, pois dão os alimentos às crianças, a sua primeira prioridade! Isto compromete a sua capacidade de amamentar.

**R– Mustafa Mirani:** Nas nossas comunidades no Paquistão também partilhamos a ideia de que a mulher deve amamentar durante dois anos.

**R– Roshan Bhatti:** As crianças das comunidades marginalizadas do Paquistão são amamentadas, em média, entre seis meses a um ano. Nas zonas rurais há uma grande taxa de natalidade, devido a falta de informação e/ou de acesso ao planeamento familiar. Quando as mulheres dão à luz muitas crianças num curto período de tempo, a duração da amamentação por criança acaba por ser inferior ao que gostaríamos. Na nossa comunidade não há consciencialização acerca da amamentação e da nutrição. A educação tem também um papel muito importante nesta questão: mais de 50% das pessoas na comunidade são iletradas.